



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Educação: olhar para onde poucos olham

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

No passado, a solução do problema educacional era frequentemente reduzida a uma formação adequada para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais tecnológico e científico. Era “simplesmente” um problema de fornecer as habilidades necessárias para utilizar os novos recursos da sociedade tecnológica. Tal desafio não desapareceu, pelo contrário, só aumenta com o surgimento da inteligência artificial. Contudo, os desafios foram se avolumando... A pandemia tornou evidente os problemas de ansiedade, depressão e até suicídio, que só crescem entre nossos jovens. Depois, vieram as telas, a constatação de que o uso prolongado de videogames e redes sociais (agora disseminadas nos telefones celulares) está comprometendo tanto as habilidades intelectuais quanto a sanidade mental dos jovens...

As respostas a tais problemas, contudo, refletem a superficialidade intrínseca a uma sociedade tecnológica, que abdicou das questões mais essenciais do coração humano, relegando-as à esfera do privado (no pensamento liberal) ou do ideológico (no marxismo). De um modo ou de outro, o problema acaba reduzido a tecnologias e disciplinas. O problema é tecnológico, dizem, grande ironia para quem sempre considerou a tec-

*Existe, no mundo atual, uma “**emergência educativa**” (Bento XVI), a necessidade de um “**pacto educativo global**” (Papa Francisco). Em poucos momentos da história, as sociedades se deram conta de forma tão aguda de sua incapacidade de educar as novas gerações. E a Igreja universal tem se esforçado a dar uma resposta a essa necessidade premente.*

nologia como fiel lacaia do modo de produção! Ou é disciplinar, outra ironia, agora para quem supunha que a autonomia do sujeito era a realização suprema do ideal de liberdade humana! Mas o problema é ainda mais amplo...

As justas críticas às posições ideológicas ditas hegemônicas em nossa sociedade também não dão conta do problema. Mesmo que os desvios sejam até óbvios em nossos tempos saturados de ideologia, temos que reconhecer – se desejamos ser realistas e sinceros – que posições ideológicas se fortalecem explorando as debilidades objetivas de seus adversários. Problemas concretos, sofrimentos reais, injustiças objetivas alimentam as ideologias mais delirantes – sejam elas de direita ou de esquerda, progressistas ou conservadoras.

Há muito os pensadores mais agudos detectam uma crescente desumanidade no modo de ser e de pensar de nossa sociedade. Existe uma conjuntura opressiva, que nos obriga a um trabalho cada vez mais incessante, em um mundo em que se vive para trabalhar, ao invés de trabalhar para

viver. O próprio ideal do trabalho como realização da subjetividade humana foi substituído pelo trabalho como instrumento para alcançar o sucesso – que é medido como poder e capacidade de consumir. Não sofremos apenas uma opressão externa, nossa vida interior é dominada por cobranças contínuas, por ideais de autorrealização que nada têm a ver com a realização humana da pessoa, mas apenas com ídolos de sucesso e consumo inculcados não só por discursos ideológicos, mas pelo próprio contexto.

Vivemos hoje em uma “sociedade do cansaço”, na expressão cunhada por Byung-Chul Han, com uma juventude cada vez mais insegura e ansiosa, na qual vicejam movimentos descrentes na ciência e na democracia. Uma educação para tal tempo não pode se orientar apenas pela negação de certas ideologias ou pelo uso mais consciencioso de certas tecnologias, como o telefone celular. Ela precisa recuperar todo o seu real valor emancipador e humanizador. Até mesmo o sucesso da educação para a profissionalização do indivíduo e

para a construção da vida social passa por essa recuperação. A contradição entre abertura para o novo e reafirmação do velho precisa ser superada com um realismo que reconheça as incoerências e as feridas da humanidade, ao mesmo tempo que propõe a tradição como “salvaguarda do futuro e não como museu, guardião das cinzas” (FRANCISCO. [Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal](#), 21/dez/ 2020).

Para iluminar a educação, a fé deve expressar-se como um grande amor, uma paixão que faz com que toda a realidade se torne deslumbrante. Uma posição humana que o Papa Francisco identifica em [Pascal](#): “Parece-me poder reconhecer nele uma atitude de fundo, que definiria como ‘abertura maravilhada à realidade’, que é abertura às outras dimensões do saber e da existência, abertura aos outros, abertura à sociedade” (cf. também o [Caderno Fé e Cultura](#) de agosto/2023)

Neste [Caderno Fé e Cultura](#) apresentamos educadores, de diferentes origens, que ajudam a recuperar um olhar mais profundo, pouco frequente entre nós, sobre os desafios da educação. Esperamos que eles nos ajudem a uma leitura mais integral, desafiadora – mas profundamente humana e realista – do desafio educacional em nossos tempos.

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Verificar, com liberdade, o valor de uma tradição

Os filhos não podem ser sufocados pelas inseguranças dos pais, nem deixados à própria sorte, em um ideal de autonomia que acaba por destruir a verdadeira liberdade. Neste caminho, como lembra o Papa Francisco, a tradição deve ser salvaguarda do futuro e não museu.

Ramon Campos
Nascimento*

Sou pediatra. No meu consultório, vejo diariamente dois perfis de pais. De um lado, algumas famílias apostam tudo no que eu chamo de “tecnologias educativas”, que são coisas maravilhosas, que ajudam em muitas situações, como nos ajustes de rotina, no cuidado com sono, na atenção para os diferentes temperamentos, para o que a gente chama de troca de autoridade central, que é um evento de mudança de referência que acontece na adolescência. Ao buscarmos esse apoio, se cercam de boas referências, que ajudam em um caminho. Entendem que estão “apertando uns parafusos”, “fazendo alguns ajustes necessários” – mas tanto pais quanto filhos sentem falta de alguma coisa a mais. De outro lado, eu tenho famílias que apostam absolutamente tudo, tudo mesmo, na liberdade, que para eles é apenas autonomia, sem levar em conta a objetividade do que é uma criança e do que é um adolescente.



Cottonbro/Pexels

Não se dão conta de que seus filhos precisam de sua orientação.

Para mim, os problemas dessas duas posturas se resolvem quando consideramos que a educação depende de três fatores: a tradição, a liberdade do educador e a verificação do educando (cf. GIUSSANI, L. *Educar é um risco*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000). Primeiro a tradição, que é algo que se comunica, uma hipótese clara que precisa ser apresentada à criança. Depois, a autoridade do educador – que não é impor valores, mas vivê-los e propô-los de forma que realizem a humanidade dos jovens! A gente precisa não só aportar a tradição, mas vivê-la, arriscar nossa própria liberdade verificando-a. E temos que nos doar ao filho, dedicar tempo a ele, dar-lhe prioridade e reconhecer sua própria originalidade. Só depois de tudo isso, no terceiro ponto, é que aparece a verificação livre a que o educando deve submeter a tradição que recebeu. Especialmente na adolescência, isso é espetacular.

*Médico pediatra em Salvador, Bahia.

A importância das virtudes em tempos de crise da atenção

Guilherme Melo
de Freitas*

Ao inundarem a vida dos jovens, as telas de celulares e computadores representam um desafio para o seu desenvolvimento que vai muito além dos aspectos meramente tecnológicos. No fundo, é a eterna questão do cultivo das virtudes que se apresenta a nós, agora nessa nova roupagem.

No livro *Vita contemplativa ou sobre a inatividade* (Petrópolis: Vozes, 2023), o filósofo Byung-Chul Han faz uma reflexão bastante contundente: “A coação crescente à produção e à comunicação dificulta o demorar contemplativo. A religião pressupõe uma forma especial de atenção. Malebranche caracteriza a atenção como a prece natural da alma. Hoje, a alma não mais faz preces. Sua hiperatividade pode ser responsabilizada pela perda da experiência religiosa. A crise da religião é uma crise da atenção”.

Mas o que nos levou a essa crise da atenção? Certamente, os dispositivos móveis desempenham um papel significativo nesse fenômeno. O avanço da tecnologia trouxe benefícios inegáveis, mas também desafios profundos, especialmente no que diz respeito à capacidade de concentração, ao tempo de qualidade e ao cultivo da vida interior. Nesse sentido, a discussão sobre a proibição do uso de celulares nas escolas se apresenta como uma excelente oportunidade para um debate mais amplo e profundo sobre esse tema.

Quando se fala em “bem-estar digital”, as discussões costumam girar em torno de temas como acesso equitativo à tecnologia, combate à desinformação, segurança cibernética etc. Esses são, sem dúvida, aspectos relevantes. No entanto, há uma dimensão

igualmente fundamental e muitas vezes negligenciada: a formação ética e moral dos indivíduos para o uso responsável da tecnologia.

Podemos estabelecer novas leis, criar normas mais rígidas e desenvolver ferramentas de controle. Ainda assim, tudo isso pode ser insuficiente se não abordarmos a questão central: estamos lidando com a educação de seres humanos. Por isso, limitar a discussão ao discurso de que “faltam regulamentações” ou que “é um problema de saúde pública” pode ser uma abordagem simplista. Esse é um tema que vai além de políticas públicas e soluções tecnocráticas; trata-se de uma questão essencialmente humana: a dificuldade em estabelecer limites, em encontrar equilíbrio e em desenvolver uma relação saudável com o mundo e consigo mesmo.

Aqui, a filosofia aristotélica nos oferece uma chave de leitura extremamente relevante. Aristóteles descreve a temperança como a virtude que permite regular nossos desejos e impulsos para alcançar uma vida harmoniosa. Em outras palavras, a temperança introduz racionalidade

na forma como lidamos com os prazeres e as distrações, ajudando-nos a desenvolver autodisciplina, autoconhecimento e liberdade interior.

A proibição do uso de celulares em sala de aula pode ajudar a reduzir distrações, mas essa medida, por si só, não resolve a raiz do problema. O que realmente queremos ensinar aos jovens com essa decisão? O objetivo não deve ser apenas impedir a dispersão, mas sim promover uma cultura de atenção, reflexão e autocontrole. Queremos que os estudantes aprendam a valorizar a concentração, a disciplina e a capacidade de direcionar sua energia para atividades significativas. O risco do mundo digital não é apenas o tempo perdido com distrações, mas a transformação das pessoas em reféns de estímulos incessantes, de ciclos de compulsão e da busca constante por gratificação imediata.

Assim, a reflexão sobre a temperança e outras virtudes não se restringe ao debate sobre tecnologia. Vivemos em uma era que incentiva os excessos – seja no consumo, seja na necessidade de exposição constante ou na busca incessante por válida-

ção externa. Em meio a esse cenário, a temperança se torna uma virtude essencial para aqueles que desejam viver de forma mais equilibrada, com mais presença, maior clareza de pensamento e uma vida interior mais profunda.

O universo digital é apenas mais uma das dimensões da existência humana. Ele pode ser um espaço de crescimento e aprendizado ou, ao contrário, um local de aprisionamento e alienação. Portanto, a questão não deve ser reduzida a regras e restrições, mas deve envolver a formação integral das pessoas. Esse é um processo que exige consistência, maturidade e um compromisso profundo com a educação para a liberdade e a responsabilidade.

Se queremos preparar as novas gerações para um uso mais consciente e saudável das tecnologias, precisamos investir na formação de virtudes, como a temperança. Essa abordagem não apenas contribuirá para um desenvolvimento mais equilibrado, mas também fortalecerá a saúde emocional, a inteligência social e a capacidade de atenção dos indivíduos. Dessa forma, a tecnologia poderá ser utilizada de maneira mais sábia, permitindo que cada um desenvolva uma vida mais significativa, reflexiva e orientada para o bem comum.

*Gerente de Educação do Instituto Sívus e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com experiência em sala de aula e em orientação educacional nas redes pública e privada

Educação: quando o perigo está no medo

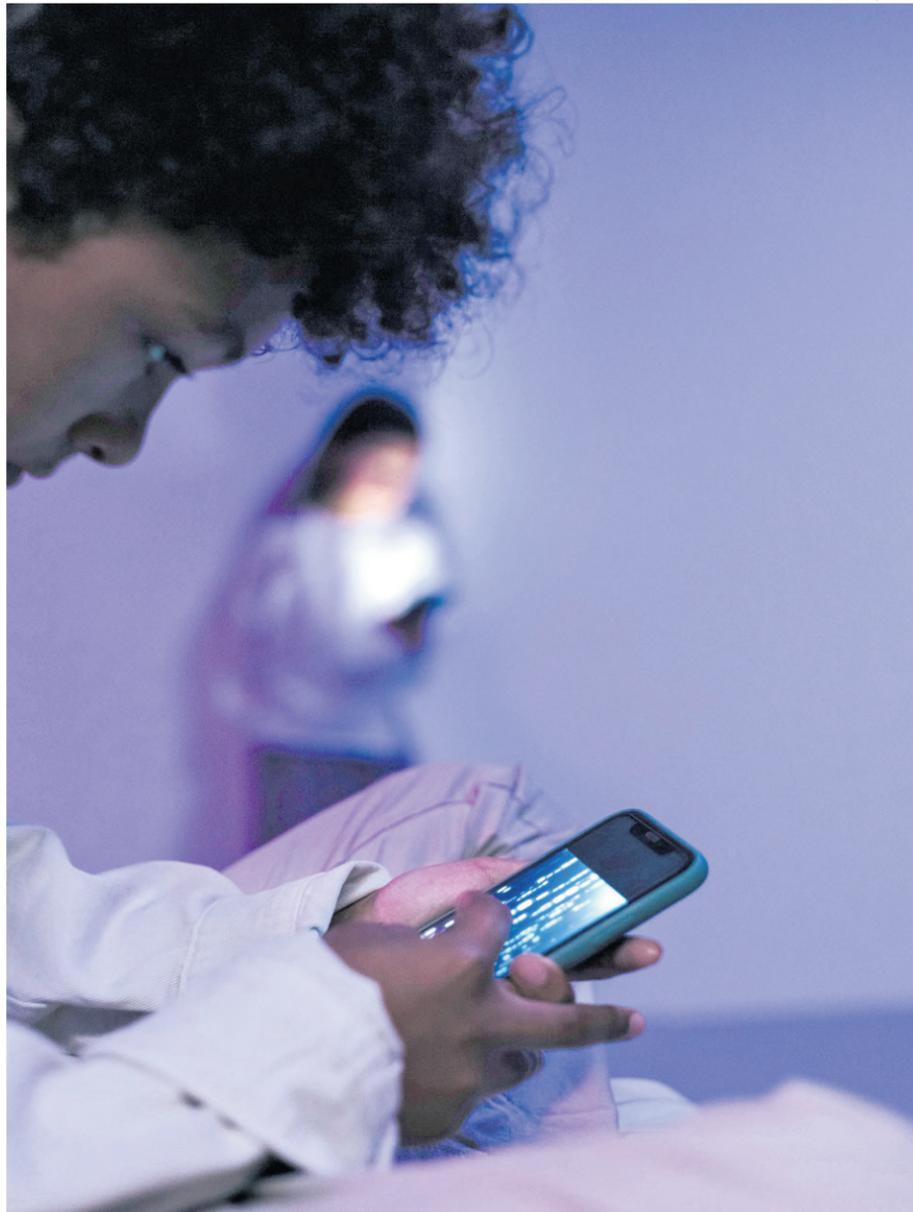
Franco Nembrini*

Há alguns anos, acolhi um garoto com problemas psicológicos a quem Deus havia concedido o dom de uma extraordinária capacidade de intuir a natureza das coisas. Certa noite, jantando, ele me disse: “Franco, você sabe o que é um casaco?”. Respondi: “Sim, é algo que você veste quando está com frio”. “Você não entende nada”, ele respondeu: “Um casaco é uma peça de roupa que os filhos têm que colocar quando as mães sentem frio”. Em seguida, ele acrescentou: “Você sabe o que é o nosso grupo de colegas católicos? É o lugar aonde os filhos têm que ir quando as mães têm medo”. Perguntei-lhe então: “E do que as mães têm tanto medo?”. Ele me disse: “As mães nos amam, por isso não querem que façamos nada de ruim ou que alguém faça algo de ruim conosco. Mas elas têm medo de que isso aconteça e, para evitar, elas tiram nossa liberdade. Não entendem que é assim que elas estão nos matando” [...]

Os jovens vivem atormentados pela preocupação com o próprio desempenho: nunca são bons o suficiente. Têm dificuldade em encontrar alguém que lhes diga: “Você tem valor”. Mas esse é o anúncio cristão. Deus desceu à Terra para dizer aos homens que, quanto mais cheios de limites, pecadores, doentes, pobres... mais merecem o sacrifício de Cristo. Foi isso que o Cristianismo introduziu [...]

A crise desses jovens – incluídos nossos filhos – é que seu valor não é afirmado. “Você tem valor” se torna “você teria valor se...”, e cada um coloca sua condição. Uma jovem me

A primeira característica da atual geração de adultos parece ser o medo. Mas o medo é o maior inimigo da educação, porque bloqueia tudo, não deixa você tentar, não valoriza a liberdade, não permite a correção. Se queremos falar de educação, temos que lidar com ele, porque o que transmitimos aos nossos jovens não pode ser o nosso medo.



Ron Lach/Pexels

escreve: “[...] Mil coisas e paranoias passam pela minha cabeça também, mas pelo menos tenho alguém que me ama e me lembra do meu valor. Percebi que nem todo mundo tem a mesma sorte que eu tenho [...] Mas os adultos estão com vendas nos olhos e tampões nos ouvidos, e não se dão conta do que está acontecendo conosco. Não nos olham. E isso dói”. Todos nós crescemos e adquirimos uma certa coragem, uma energia na vida, porque alguém olhou para nós valorizando não a nossa aparência, mas a verdade de nós mesmos, apesar de nossos erros, dificuldades e incoerências. Alguém – no meu caso Dom Giussani, fundador de Comunhão e Libertação – olhou para nós e nos disse: “Vocês são muito mais do que todo o mal que aparentam”. Ser olhado por alguém que daria a vida por você: isso é o amor.

A lei do ser é o amor. Deus é amor porque deu a vida por nós antes que a merecêssemos [...] Isso é o que falta hoje. E creio que falta porque somos fracos na fé, pois a fé é a certeza da vitória de Cristo, e a certeza da vitória de Cristo dá um impulso positivo que atravessa todo o mal possível. No entanto, pensando que podemos defender nossos filhos do mal, acabamos protegendo-os do mundo, ou seja, da realidade, sem sermos capazes de apostar em seu coração, em seu desejo de bem, em sua grandeza. Acabamos fazendo o contrário do que um educador deveria fazer.

* Pedagogo, ensinou por mais de 40 anos Religião, Literatura e História na escola pública italiana. Acompanhou os grupos de jovens estudantes do movimento Comunhão e Libertação. Em 2018 foi nomeado membro do Dicasterio para os Leigos, a Família e a Vida.

Educação e esperança

Matteo Severgnini*

A esperança é a principal virtude do caminho educativo. A esperança é o que sustenta todo o ímpeto educativo que cada um de nós vive e arrisca a cada momento, às vezes fazendo o que é o certo e muitas vezes errando. A esperança nasce em mim, como discernimento, de uma frase: o que o meu coração merece, existe. Felizmente – para o meu filho, para a minha filha, para os meus alunos – o que seu coração merece não sou eu, mas Alguém que “se fez carne”. A Beleza se fez carne, o significado se fez carne, o Ideal da vida se fez nosso companheiro justamente para nos anunciar que aquilo que o coração merece existe, e há um caminho para alcançá-lo.

Um professor de música tocou Beethoven para seus alunos e pediu que escrevessem uma carta ao compositor. Uma garota fez três agradecimentos: “Obrigada, Beethoven, porque me ajudou a entender que os limites não

Dizer aos jovens “o que o seu coração merece, existe”, não é moralismo, mas é o maior apelo moral que podemos fazer a eles. Dizer isso implica a grande responsabilidade de caminhar com eles, levando essa promessa que não é mantida por nós, mas apenas compartilhada com eles.

existem, que apenas existem na minha cabeça [...] Obrigada, porque me fez entender que, uma vez que eu tenha estabelecido um objetivo, devo me livrar de tudo e de todos que se interpõem entre mim e o meu objetivo [...] Obrigada, porque me ensinou que nos momentos de maior dificuldade sempre poderei contar com uma pessoa, e essa pessoa sou eu mesma”. Essa garota não estudou nenhum filósofo para chegar a um juízo tão claro e terrível. Ela absorveu como uma esponja o juízo do mundo [...] Esse individualismo narcisista nos torna solitários com nossos objetivos que, em sua maioria, são inatingíveis. E isso dá medo: não tanto o fato de não atingirmos nossos objetivos, mas o fato de estarmos sozinhos. [...] O professor de música levou,

então, esses alunos a uma excursão. Uma grande subida à montanha. No caminho, essa garota ficou sem fôlego, incapaz de dar um passo. O professor a convidou para se sentar em uma pedra e perguntou-lhe: “Os limites só existem na sua cabeça?” [...] A jovem, na descida, começou a correr: queria tomar banho antes das outras colegas. Mas, durante a corrida, sua bota arrebentou. O professor, que ia atrás, a alcançou pacientemente, lhe deu o braço, a acompanhou na descida. Enquanto desciam, perguntou: “Para alcançar seu objetivo, você tem que se livrar de tudo e de todos?” [...] Ao pé da montanha, a garota diz para o professor: “Eu entendi. Não é verdade que nos momentos de maior dificuldade eu só possa contar comigo

mesma. Hoje, a realidade me ensinou mais do que as minhas ideias”.

Isso só pôde acontecer dentro de um relacionamento humano. Por isso, a educação é um relacionamento. Primeiro, há uma provocação, uma proposta; em seguida, uma verificação, porque não somos chamados apenas a fazer a proposta, mas a verificá-la com eles! E depois, exemplificar a proposta verificada. Como dizia Dom Giussani: “Os jovens precisam de uma presença, ou seja, que o adulto seja uma presença. Na medida em que experimentamos a consciência de pertencer, nos tornamos um encontro para os outros, nos tornamos presença e permitimos que os outros façam um encontro”.

* Filósofo italiano dedicado à educação, foi por 10 anos diretor da escola Luigi Giussani High School em Kampala, na África, e atualmente é diretor do Colégio Regina Mundi de Milão.

Os dois textos desta página são parte do especial **Educação: você tem valor**, publicado na revista **Passos** (13/11/2024)

Movido pela esperança, o educador forma para um mundo novo

O mundo não precisa de repetidores sonâmbulos do que já existe; precisa de novos coreógrafos, de novos intérpretes dos recursos que o ser humano traz dentro de si, de novos poetas sociais. Com efeito, não há necessidade de modelos educativos que sejam meras “fábricas de resultados”, sem um projeto cultural que permita a formação de pessoas capazes de ajudar o mundo a virar a página, erradicando a desigualdade, a pobreza endêmica e a exclusão. As patologias do mundo atual não constituem uma fatalidade que devemos aceitar de maneira passiva e muito menos confortavelmente [...]

Compreendi a vossa missão no campo educativo e cultural como um apelo a dilatar os horizontes, a transbordar de vitalidade interior, a abrir espaço para possibilidades inéditas, a dispensar as modalidades do dom que só se torna mais amplo quando é compartilhado. A um educador e a um artista, o nosso dever é dizer: “Sede copiosos, arrisca!”.

Não há motivo para nos deixarmos dominar pelo medo. Primeiro, porque Cristo é o nosso guia e companheiro de viagem. Segundo, porque somos depositários de uma herança cultural e educativa maior do que nós mesmos. Somos herdeiros das profundezas de Agostinho. Somos herdeiros da poesia de Efrém, o Sírio. Somos herdeiros das Escolas

O Papa Francisco exorta os educadores a não se deixarem levar pelo medo e pela insegurança, mas, confiantes em Cristo, a ajudarem na formação de pessoas comprometidas com a construção de um mundo melhor.



das Catedrais e de quem inventou as Universidades; de Tomás de Aquino e de Edith Stein. Somos herdeiros de um povo que encomendou as obras do Beato Angélico e de Mozart ou, mais recentemente, de Mark Rothko e de Olivier Messiaen. Somos herdeiros de artistas, homens e mulheres, que se deixaram inspirar pelos mistérios de Cristo. Somos herdeiros de cientistas eruditos, como Blaise Pas-

cal. Em síntese, somos herdeiros da paixão educativa e cultural de muitas Santas e muitos Santos.

Circundados por um número tão grande de testemunhas, libertemo-nos de qualquer fardo do pessimismo, não é cristão! Confluamos, com todas as nossas forças, para livrar o ser humano da sombra do niilismo, que é talvez a chaga mais perigosa da cultura de hoje, pois é ela que preten-

de anular a esperança. E não nos esqueçamos: a esperança não desilude, é força! Aquela imagem da âncora: a esperança não desilude!

Se posso compartilhar um segredo, às vezes sinto o desejo de gritar ao ouvido desta época da história: “Não esquecer a esperança!”. Por vezes, há o mito de Turandot: pensar que a esperança desilude sempre. Conto convosco a fim de que o Ano jubilar, já próximo, possa ampliar este grito. Há muito a fazer: este é o momento de arregañar as mangas [...]

Um âmbito particularmente relevante que determina mudanças epocais é o dos enormes saltos que se verificam no desenvolvimento científico e nas inovações tecnológicas. Hoje, não podemos ignorar o advento da transição digital e da inteligência artificial, com todas as suas consequências. Este fenômeno coloca-nos perante questões cruciais [...] Contudo, repito: não podemos deixar que prevaleça o sentimento do medo [...] Contemplar Cristo vivo permite-nos ter a coragem de nos lançarmos para o futuro, confiando na palavra do Senhor que nos desafia: “Passemos para a outra margem” (Mc 4,35). Por favor, não sejais educadores sonolentos! O educador vai sempre em frente, sempre!

PAPA FRANCISCO, trechos do [Discurso aos participantes na Plenária do Dicasterio para a Cultura e a Educação, 21/nov/2024](#)

Livro

A bem-humorada sabedoria de Dom Bernardo Bonowitz

Ana Luiza Mahlmeister*

Apesar de aparentemente distante do cotidiano da maioria dos cristãos, a vida monástica nos fornece verdadeiros tesouros de espiritualidade e grandes lições de vida.

Este ano de 2025 começou com uma notícia triste: a páscoa de Dom Bernardo Bonowitz, primeiro abade do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, de Campo do Tenente (Paraná), depois de alguns anos enfermo. Um judeu no-vaioquino, convertido ao catolicismo aos 19 anos, viveu 24 anos como monge trapista no Brasil. Aqui, deixou uma herança riquíssima que chega até nós em artigos e homilias, retiros espirituais e livros. Seu pensamento, sempre original, parte da experiência monástica e universaliza a fé.

Entre suas obras, está a coletânea *Na presença de se povo reunido*, que reúne 45 homilias cobrindo as celebrações correntes do ano litúrgico, além de ritos sacramentais, entrada de noviços no Mosteiro e renovação de votos. Sua abordagem é profunda e bem-humorada, jogando uma luz sempre nova nos Evangelhos a partir de experiências pessoais como abade e mestre de noviços. Ele relaciona o aprendizado do português em seus primeiros tempos no Brasil e a insistência dos professores para que não se comunicasse em nenhum momento em inglês, por exemplo, à busca de

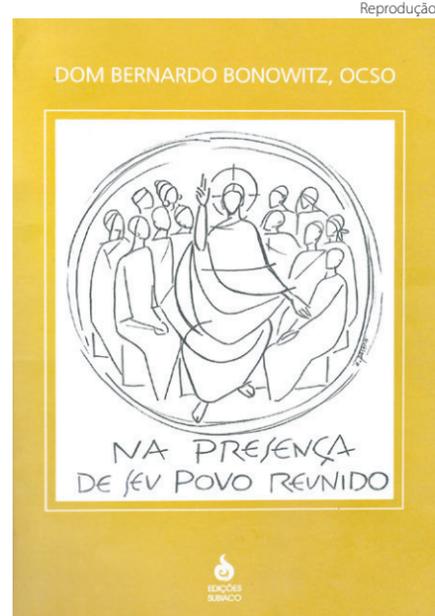
Deus em “águas profundas”: afogar-se na língua para dominar o idioma.

A vida do monge, para ele, é similar a entrada de Cristo em Jerusalém: não pelos próprios pés, mas em cima de um burro. “O monge, assim como Cristo, é objeto paciente da realidade, vive exposto a ela, com uma abertura constante à vontade de Deus. E por meio dessa não resistência à realidade, desta obediência até a morte, este consentimento em deixar Deus, os irmãos, as circunstâncias, nós monges conseguimos fazer das palavras diárias ‘venha a nós o vosso reino’ uma oração eficaz”, escreve na homilia de Domingo de Ramos.

Em outro trecho, sobre como Deus sempre cumpre suas promessas, Dom Bernardo cita a transfiguração. Cristo conversa com Moisés e Elias, no monte, diante dos apóstolos. A missão de Moisés não era entrar com o povo na terra prometida, mas chegar ao ponto de máxima saudade, no qual o objeto de todo o seu querer está próximo... e, todavia, continua distante. “Moisés, humilde, entendia

muito bem que esse não era seu papel, deu graças pela imensa confiança que Deus lhe tinha mostrado e esperava um dia ver face a face aquele a quem caberia realizar o último trecho, a reta final. Na transfiguração, Moisés e Elias (e neles todos os patriarcas e profetas) recebem essa imensa graça de ver e de conversar com Aquele que foi escolhido para atravessar o Jordão, ir à frente do povo eleito e guiá-lo ao reino dos céus [...] E agora podem descansar porque seus olhos tinham visto Aquele que ia cuidar do seu povo. Moisés e Elias e a família inteira de santos da primeira aliança vieram para ver e venerar Aquele que por sua morte ia transformar nosso destino”. O cetro de Moisés, que abriu o Mar Vermelho, é agora a Cruz de Cristo.

Em uma das últimas homilias do livro, Dom Bernardo discorre sobre a plenitude do ser. Escrevendo sobre a Ascensão do Senhor após o convívio com os apóstolos, diz: “Contemplamos na obscuridade da fé, a sua glória, e captamos, com uma tremenda alegria, que esta glória nos espera



BONOWITZ, Bernardo. Na presença de seu povo reunido. Juiz de Fora: Ed. Subiaco, 2006.

também – não como prêmio de um processo de autoconstrução, mas como a suprema e eterna expressão do amor que Deus tem para conosco. Que alegria, quando ouvi o que me disseram: vamos à casa do Senhor. Lá Deus Pai nos aguarda, o Senhor Jesus nos aguarda, prontos para dar-nos o dom de nós mesmos”.

*Jornalista